



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 13, N° 1 (2019)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

A Desigualdade e o desempenho escolar no ensino médio, na rede pública de Campinas

Desigualdad y desempeño escolar en el bachillerato, en la red pública de Campinas

*Marcos José Alves Lisboa¹
Kawan dos Santos Simão²
José Vilela Neto³*

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.13.1.8>

Recibido: 22/02/2019

Aceptado: 25/05/2019

Resumen

Este trabajo abarca el proyecto de extensión universitaria de la PUC-Campinas, del curso de Filosofía, en articulación con el Programa de Postgrado en Educación, cuyo público directo son los estudiantes de la Preparatoria de la Escuela Estadual 31 de marzo, en Campinas, São Paulo. El objetivo es examinar las significaciones que los escolares de la Preparatoria elaboran sobre ese espacio que

¹ Professor extensionista da PUC-Campinas responsável pelo projeto.

² Aluno extensionista bolsista da PUC-Campinas.

³ Aluno extensionista bolsista da PUC-Campinas.

ocupan y su lugar de discurso. Las actividades consisten en debates que oportunizan espacios de escucha y diálogo con los estudiantes, por registros de sus narrativas de experiencias cotidianas y del lugar que ocupan en esos espacios. Sin olvidar la complejidad de factores y problemas estructurales que engendran la desigualdad escolar en términos de políticas públicas, es en este contexto que la fundamentación filosófica en Kant y Sartre orienta las mediaciones en las discusiones y debates con los alumnos a quienes corresponderá la responsabilidad de pensar: ¿Cuál destino se darán a sí mismos?

Palabras clave: filosofía de la educación, igualdad, autonomía, ética, ciudadanía

Abstract

This paper proposing the extension project of PUC-Campinas, of the Philosophy course, in articulation with the Post-Graduate Program in Education, whose direct target audience is the high school students of the State School March 31, in Campinas, São Paulo. It is a question of examining the meanings that students elaborate on this space they occupy, their place of speech. The activities consist of workshops that provide spaces for listening and dialogue with the students by recording their narratives of everyday experiences and the place they occupy in these spaces. Deem the complexity of structural factors and problems that engender school inequality in terms of public policies, is in this context that the philosophical grounds in Kant and Sartre guides mediations in the discussions and debates with the learners who will be responsible for thinking: which lot they give themselves?

Keywords: philosophy of education, equal, self-government, ethics, citizenship

Introdução e fundamentação teórica

Nos termos deste projeto, a desigualdade refere-se ao desempenho escolar, nos anos finais da educação básica, Ensino Médio, em articulação direta com as políticas públicas educacionais mediante o exame da importância dos conceitos filosóficos de justiça, autonomia, ética e cidadania.

A importância do tema destaca-se por três necessidades imperativas. Primeiro, a de atender à finalidade da própria atividade de extensão, a saber, a de estender ou devolver à comunidade o conhecimento produzido e acumulado pelas atividades de ensino e pesquisa, na universidade, nos níveis de graduação e pós-graduação em Educação e em conformidade com a missão institucional da

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no que diz respeito à formação integral do ser humano mediante os valores cristãos.

A outra necessidade imperativa caracteriza-se pelo exame da importância do próprio tema, ou seja, essa atuação e inserção social da atividade de extensão implica na promoção de debates, reflexões e a participação em canais legítimos de comunicação (e outros fóruns), contribuindo direta ou indiretamente para com a avaliação e a elaboração de políticas públicas. Por fim, trata-se de evidenciar a relevância social das atividades de extensão da universidade, vinculadas umbilicalmente ao ensino e à pesquisa, conforme prescreve o *Instrumentum Laboris* (Congregação para a educação católica, 2014: 28):

A educação não é apenas conhecimento, mas também experiência. Ela une o saber e o agir, instaura a unidade dos saberes e procura a coerência do saber. Ela compreende que o campo afetivo e emocional, tem também uma dimensão ética: saber fazer e saber o que queremos fazer, ousar transformar a sociedade e o mundo e servir à comunidade.

Nossa hipótese geral é a de que as desigualdades são consequências diretas de más escolhas políticas públicas. No caso da desigualdade no desempenho escolar, no estado de São Paulo, é quase um clichê. Vide, numa série histórica, as implementações governamentais que, na descentralização das responsabilidades estatais mediante políticas públicas de controle e de meritocracia fizeram os índices de qualidade de ensino despencarem a patamares baixos. Exemplos dessas escolhas políticas são a criação de órgãos e medidas públicas tais como o FUNDEF, SARESP e a Deliberação do Conselho Estadual de Educação, n. 9 de 1997 (Progressão Continuada) e os baixos investimentos na área.

O cenário de exclusão social dado pelos índices do IDEB, por exemplo, serve de base para compreender que a desigualdade cultural está articulada umbilicalmente à desigualdade econômica. Nestes termos, a educação constitui-se como um dos principais instrumentos de combate à desigualdade social e à pobreza.

O desempenho de alunos em escolas públicas do Ensino Médio é, geralmente, marcado por problemas, obviamente de ordem social e não se quer dizer que a escola engendra ou reforça o problema da qualidade e os índices de evasão. Há diferentes estudos que evidenciam que a motivação com estudantes de Ensino Médio possa ser uma alternativa para a redução dos impactos dessa desigualdade de desempenho escolar, como é o caso de Mendes (2013). Por isto, esta proposta se apresenta para que o professor extensionista da PUC-Campinas possa trabalhar com alunos e professores, a partir de oficinas para a reflexão sobre a existência humana, em uma perspectiva filosófica, envolvendo

aspectos caros à Filosofia, como a ética, a justiça e a própria igualdade tematizada a partir de atividades que consigam motivar os estudantes professores na direção de, como já dissemos, minimizar os impactos das desigualdades de desempenho escolar. Em outros termos, desenvolver e potencializar o protagonismo e a autonomia que a escola, em certa medida, já proporciona aos seus estudantes. Portanto, potencializando-os.

Este projeto contribui para com a formação dos alunos de graduação do curso de licenciatura e bacharelado em filosofia, da PUC-Campinas e em consonância direta com as disciplinas Tópicos especiais de Ética, História da Filosofia contemporânea, Antropologia Filosófica e Teoria do conhecimento. Além disso, está vinculado ao Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado), especificamente com a linha de pesquisa Políticas Públicas em Educação.

Não há uma especificação ou detalhamento do que significa ou implica essa tal qualidade na Educação. A interpretação da norma constitucional, neste quesito educação, é sempre cercado de controvérsias, vagueza e divergências no campo hermenêutico e não nos cabe, aqui, examinar estes estudos ou fazer uma análise da legislação. Portanto, este diploma legal, a Constituição Federal, não descreve de modo claro e objetivo a qualidade de que seja, afinal, qualidade de educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 4º, faz apenas referência aos “padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem.”

No que tange ao PNE (2011-2020) a respeito da qualidade do Ensino Médio, a saber,

a sua universalização com qualidade social, por meio de ações que visem à inclusão de todos no processo educativo, com garantia de acesso, permanência e conclusão de estudos com bom desempenho; respeito e atendimento à diversidade socioeconômica cultural, de gênero, étnica, racial e de acessibilidade, promovendo igualdade de direitos; e o desenvolvimento da gestão democrática. (Conae, 2010: 63).

Com relação à qualidade, os dados disponíveis são os do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira (IDEB), disponibilizados pelo INEP e, reforçam os matizes da desigualdade de desempenho dos estudantes deste segmento.

O tema específico deste projeto de extensão, além das vinculações e articulações necessárias à sua realização ainda contempla oferecer aos estudantes do curso de graduação em filosofia a compreensão de que a aprendizagem nos anos de sua formação não é completa sem implicar em serviço à própria comunidade, diz o *Instrumentum Laboris* (Congregação para educação católica, 2014: 23):

Quando os alunos têm a oportunidade de experimentar aquilo que aprendem é importante para a sua vida e para a vida de sua comunidade a que pertencem, a motivação deles muda. É desejável que os professores proponham aos alunos ocasiões para experimentar o impacto social daquele que aprendem, favorecendo assim a descoberta da relação entre a escola e a vida, e o desenvolvimento do sentido de responsabilidade e de cidadania ativa.

Justifica-se a pertinência deste projeto, portanto, dada a necessidade imperativa e imediata de atender aos estudantes do Ensino Médio da rede pública de ensino, quanto ao estudante de filosofia em formação, na centralidade da pessoa que aprende, na adoção de pensamento livre e crítico e de pensamento e agir autônomo e responsável. Assim sendo, verifica-se que a possibilidade da igualdade de desempenho no Ensino Médio passa pela proposta de extensão que ora apresentamos.

No contexto da escola pública, a etapa final da Educação Básica constitui para o estudante um momento crucial e turbulento que delimita a passagem para a vida universitária, o mundo do trabalho e vida adulta. E isto se dá por tensões e conflitos de diversas ordens: econômica, social, afetiva e cultural.

É uma fase em que o jovem se depara com crise de identidade, da necessidade de confirmá-la diante dos outros e no contexto da erupção de sua sexualidade, ou demandas pulsionais para usar uma linguagem da teoria psicanalítica. É o contexto desse desafio em que se encontram docentes e educadores que também padecem, muitas vezes, da falta de rede de apoio para lidar com as demandas da instituição, das reformas educacionais, da violência escolar e mediador desses conflitos que a sala de aula reproduz.

Não há como negar, neste nosso recorte, a singularidade situada em um contexto histórico é tema central nessa problemática.

Parece-nos que, acompanhando Dubet (2003) a sala de aula, o estudo e a escola, para os alunos de escolas públicas, na sua maioria, oriundos das classes populares, perderam o sentido de ser. Isto porque não veem garantias ou oportunidades de inserção em um nicho no mundo do trabalho. Não é “moeda de troca”, para tomar por empréstimo, aqui, da linguagem do mercado.

Como alterar as disposições interiores de vontade dos alunos do Ensino Médio em relação aos estudos e à escola? Quais as condições de possibilidade de superação das suas contingências sociais, familiares e econômicas que os afetam cotidianamente? Como suplantar o vazio, o desamparo e muitas vezes as angústias que sobre eles se abatem?

Devemos considerar, ainda, o modelo econômico modificado pelas tecnologias da informação e da comunicação que avançam de modo convulsivo e insistente. E nesse contexto as redes sociais que redimensionam e criam novas formas de linguagem, saberes, comportamento e modos de se relacionar com os outros e com o mundo. Não há como negar sua influência e presença na vida das pessoas. Há de se questionar a formação do jovem baseada somente em informações e fakenews, bem como validade as fontes autorais e conhecer as que contribuem para uma formação mais responsável e ética no mundo virtual ou cibercultura. Sendo necessário compreender quais são os vieses que enredam o modo como os alunos enxergam o mundo, o viés da disponibilidade, no modo de ver e interpretar o mundo, um mundo enviesado é constituído de forma autônoma?

Neste turbilhão encontra-se o estudante de Ensino Médio. Entre o que a sociedade lhe impõe e suas demandas subjetivas e pulsionais que lhe arrebatam. E não há dúvida de que isto implica em mal-estar. E por isso, repetimos a questão que impulsiona este projeto: Quais são as condições de possibilidade de alterar as disposições interiores de vontade de um indivíduo que não reconhece a escola como lugar de sentido e nem ele mesmo como sujeito de sua história? Nossa hipótese, agora mais bem elaborada, é a de que a articulação dos conceitos de autonomia e liberdade, na descendência direta de Kant e Sartre podem contribuir como resolução desse problema e na elaboração de novas significações.

A resolução desse problema passa necessariamente pela análise existencial, da experiência vivida e pela vivência dos conceitos de autonomia e liberdade que a reflexão filosófica engendra. Enquanto um convite, um olhar mais atento e apurado sobre si mesmo e o outro diferente de si.

Kant (1964), importante expoente da filosofia alemã, sua contribuição leva a refletir sobre a liberdade de pensar que é próprio do homem, isto é, pensar por si mesmo e, nestes termos, agir com autonomia. Como afirmou Kant em sua obra, o princípio de autonomia é pontuado por essa relação entre autonomia e liberdade que se confunde com o dever.

Kant (1964), no ensaio “Resposta à pergunta o que é Esclarecimento?” Diz que o lugar da heteronomia a lei do outro. É a condição de “menoridade”, descrita pelo autor, em que o indivíduo decidiu não fazer uso de seu próprio entendimento sem a condução de outrem. Nota-se que, aqui, há o indício do peso objetivo sobre os estudantes do Ensino Médio, destacamos: a imposição moral externa, a obrigação ou de fazer algo conforme o dever ou a fim de evitar a punição ou na expectativa de recompensa.

Em contraposição, o conceito de autonomia é definido como condição de “maioridade”, de pensar por si e de agir por dever e não movido por suas inclinações sensíveis, mas pelo desinteresse. É saber avaliar por si mesmo a situação-problema sem a orientação ou lei do outro. Esta é a convergência entre liberdade e dever em Kant (1964) e que se observa também em Sartre. A última questão colocada pelo filósofo alemão é: Que destino o homem dará a si mesmo?

Para Sartre (1987), filósofo existencialista, como os demais concebia o homem não apenas um ser pensante, mas existente e, por isso, tomada de angústia, da sensação de vazio, da experiência do nada, da solidão, etc. E sua reflexão sobre a liberdade é sobejamente conhecida e de arcar com as próprias responsabilidades. Diz que o homem se define pela liberdade e não pela natureza, pela sociedade ou pela economia. Nestes termos, para as condições em que nos encontramos, não há desculpas.

Nestes termos, a avaliação das condições de cidadãos, da noção de democracia, de igualdade, ética e justiça faz parte da complexificação da noção de sujeito pela qual passa o estudante de Ensino Médio, por si mesmo. É ele quem dá a si mesmo a lei. Mas, para isto, é preciso enfrentar suas próprias experiências, suas vivências e reconhecê-las com aquilo que caracteriza sua inclusão na realidade na qual está circunscrito.

Caracterização do projeto de extensão e do público alvo

A escola, instituição que sedia as atividades de extensão do presente plano está localizada no bairro Jardim Santa Mônica. É um dos bairros que formam a Região dos Amarais. Região conhecida pelo nome de Ilha das Cobras, conforme relato de moradores mais antigos e que se localiza após Córrego ou Rio Quilombo, lugar onde já se plantou milho, algodão até final da década de 1960 e cana-de-açúcar até os anos finais de 1980.

Trata-se, em parte de ocupação sobre área pública, parcialmente inserida em áreas de inundação e de área de proteção permanente. Segundo dados da Prefeitura de Campinas, Secretaria de habitação², é evidente a necessidade de obras de grande porte e macrodrenagem na Bacia do Córrego Quilombo, obras de infraestrutura, intervenções, remoções, reassentamentos, aprovação e registro. A Área está incluída no PAC Quilombo. E conforme observa-se os diversos processos de urbanização dos maiores centros urbanos do Brasil é geralmente marcada pela informalidade na ocupação habitacional, principalmente se considerarmos sua história.

A região hoje conhecida como Jardim Santa Mônica nasce do movimento histórico de desenvolvimento da Cidade. Com o impacto da economia nos acontecimentos histórico-sociais o bairro é delimitado a partir de uma divisão territorial da conhecida região do Jardim São Marcos

(Secretaria de habitação de Campinas, s/d). A região está localizada ao longo da bacia do Ribeirão Quilombo, cujas nascentes atravessam onde atualmente está situada a Escola de Preparação de Cadetes do Exército (Espececx), nos altos do bairro Chapadão, em Campinas. Construída na área da antiga Fazenda Chapadão, a Escola Militar foi uma das primeiras propriedades rurais de Campinas a ter engenhos de cana de açúcar, na segunda metade do século XVIII, além de existir também em diversas propriedades próximas. Dado que neste período a economia na cidade girava em torno da escravidão, e como se sabe, Campinas foi um dos principais polos de comércio de escravos no Brasil, aqui, destacamos este fato como uma das causas do processo de marginalização e de exclusão social e de trabalho. E é este fator de marginalização social, político, econômico e cultural permite compreender e explicar a situação cotidiana e o comportamento da maioria dos estudantes.

Historicamente, a região é conhecida pelos movimentos de resistência e de lutas contra as más condições de vida desde então, dentre as quais se destacavam a comunidades quilombolas, nome dado à bacia do rio que atravessa o bairro, como já dissemos, onde corre o Rio Quilombo e que está localizado entre a atual Espececx e a região Norte de Campinas e os Municípios de Sumaré e Americana, até a sua foz no rio Piracicaba (Baeninger, 1996).

A região tem história de mobilização social não apenas pela importante associação com a luta dos quilombolas, mas também porque foi palco de um dos mais significativos episódios da história brasileira, a batalha de Venda Grande, que aconteceu durante a Revolução Liberal ocorrida no país na primeira metade do século 19.

O Combate de Venda Grande aconteceu nas proximidades do atual Campo dos Amarais, ao lado do aeroporto do mesmo nome e localizado na região do Complexo São Marcos e Bairro Jardim Santa Mônica. Ali, numa edificação, um engenho, funcionava uma venda muito popular na região. E também era o local onde se concentravam os revolucionários e opositores do governo monárquico, que aspiravam reformas estruturais e profundas no Brasil. Tratou-se, principalmente de um importante movimento precursor da república.

O movimento foi massacrado pelas tropas do governo, mas o combate de Venda Grande (como é conhecido) ajudou a construir a importante história de mobilização social e política da região do Complexo São Marcos e Bairro Jardim Santa Mônica e principalmente, de identidade.

Outro fator importante de constituição da região foi a criação da Unicamp, em 1962, a partir da Faculdade de Ciências Médicas, no distrito de Barão Geraldo. Isto implicou especulação imobiliária e um novo eixo de crescimento populacional em Campinas, em direção à Região Norte, mas as custas de

confinar a população de baixa renda em núcleos de favela e de ocupação, geralmente, em áreas de risco.

Duas instituições de pesquisa de Campinas têm uma ligação muito especial com a história da região do Jardim São Marcos e Jardim Santa Mônica, a saber: o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL). O impacto dessas instituições foram as pesquisas no setor alimentício e instalação de diversas pequenas indústrias deste mesmo segmento. Isto fez com que a economia se desenvolvesse e formasse mão de obra mais qualificada e proporcionou, também, a geração de renda em pequenos negócios.

O cenário social e econômica desta região foi a criação da malha rodoviária do interior. Sabemos que a localização da cidade cortada por esse importante sistema de rodovias tornou-se estratégico para escoamento da produção. Em especial, destacamos a construção da rodovia Anhanguera, em 1948, da Rodovia dos Bandeirantes, em outubro de 1978, e principalmente da Rodovia D. Pedro I, no início da década de 1970.

A rodovia D. Pedro cortou ao meio a região do São Marcos, delimitando os espaços geográficos entre os bairros São Marcos e Santa Mônica. E impulsionou o crescimento na região, contribuindo para atrair novas empresas e, também, muitos moradores, muitos migrantes para as favelas e áreas de ocupação, dada a inexistência de uma política habitacional eficiente em Campinas e em toda região metropolitana.

Como em todas as grandes áreas metropolitanas, a maior parte da população da região do Complexo São Marcos é de migrantes oriundos de diversas partes do país, do Nordeste, de Minas Gerais, do Paraná e outras regiões de São Paulo e que atraídos pela esperança de uma vida melhor, isto é, oportunidades de empregos no futuro polo industrial do interior de São Paulo.

Dado o cenário acima descrito apontamos que a desigualdade tem sido outro aspecto a estimular a violência nas metrópoles. No bairro conta-se, ainda, com entidades assistenciais, serviços de política pública de assistência social, Centros de saúde e Centro de Referência de Assistência social.

Atualmente, com uma população de 1.080.113, conforme o último censo de 2010 e

1.182.429 habitantes, em 2017, Campinas tem 92 escolas. O Ensino Médio da rede pública tem registradas 42.434 matrículas, segundo dados do IBGE de 2015.

Público alvo direto: estudantes do Ensino Médio, da Escola Estadual 31 de Março, região norte da cidade de Campinas.

A escola 31 de Março:

No dia 1º. de abril de 1969 uma sessão solene marcou a inauguração da E.E. Trinta e Um de Março e que contou com a presença de militares, políticos, representantes da comunidade, o padre da paróquia, professores e alunos.

A escola conta com um total de 924 alunos e aproximadamente 80 funcionários. O Ensino Médio, público alvo da atividade de extensão do presente projeto, tem o total de 371 alunos sendo que, 152 estão matriculados no 1º. ano; 119 no 2º e 100, no 3º. Ano.

A Escola Estadual 31 de março, situada à rua Pedro Pinheiro, 385, Bairro Jardim Santa Mônica, Campinas, São Paulo, concordou em participar desta atividade de extensão em que tem como público alvo todas as turmas do Ensino Médio, cedendo o espaço físico e os recursos disponíveis na escola.

Objetivo geral específicos

Objetivo geral

O objetivo geral da proposta de extensão consiste em oferecer espaço para a intervenção de docente extensionista da PUC-Campinas em escolas públicas (Ensino Médio), da região de Campinas, com oficinas, com o envolvimento de aluno extensionista (bolsista ou voluntário), quinzenalmente com o propósito de amenizar os impactos das **desigualdades de desempenho escolar dos participantes**.

Objetivos específicos:

Desenvolver e potencializar o protagonismo e a autonomia do estudante do Ensino Médio frente aos desafios que se lhe impõem sócio, político e economicamente no contexto do mundo do trabalho e dos vestibulares.

Exercer postura de diálogo e discussão identificando aspectos existências comuns em si mesmo refletido nos outros;

Perceber a relação entre os adolescentes e o espaço público da escola. Saber se atendem às suas necessidades e expectativas, isto é, se constituem como espaço público que desejam.

Compreender a importância da autonomia e da liberdade no processo de emancipação do sujeito examinando de modo crítico a realidade cotidiana;

Reconhecer que o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, as redes sociais e tentam transformar o desamparo em satisfação e fuga dos problemas da vida off-line analisando os conceitos filosóficos existenciais.

Metodologia

A metodologia desse projeto consiste na elaboração e oferecimento de oficinas para os estudantes de todas as turmas do Ensino Médio da escola, no prazo de vigência de dois anos. Nessas atividades os alunos participarão de modo ativo a partir das orientações que disciplinam a atividade. Pretende-se escapar à caracterização de aula ou palestra sempre estimulando a agir em termos de práticas autônomas que o projeto contempla, mediante discussões e reflexões. A importância e relevância não são apenas acadêmica, mas social do tema, em uma articulação teoria e prática.

Considerando que o conhecimento é uma construção histórica, a dinâmica das oficinas sempre parte do concreto para o abstrato, isto é, a luz do senso comum ou de suas experiências cotidianas os estudantes são conduzidos para o nível da reflexão e auto reflexão mais abstrata, à apropriação do conceito e suas articulações com as vivências sociais e com a realidade em que está circunscrito. No caso específico, é a percepção de que apesar das contingências sociais e econômicas ou redistribuição de recursos que engendram uma desigualdade na qualidade da rede de ensino público, é possível superar as dificuldades de acesso à universidade e evidencia como isso pode ser determinante na vida adulta.

As oficinas estarão, assim, organizadas:

Inicialmente o conteúdo a ser desenvolvido foi dividido em apenas dois momentos:

O primeiro momento na formulação de perguntas aos estudantes a respeito dos espaços que ocupam e do seu lugar de fala, isto é, “o que você pensa de ...? Você gosta de estar em ou na ...? Quais são suas expectativas a respeito de ...?”

A primeira questão que dispara a roda de conversa com os alunos objetiva avaliar a percepção que o estudante tem desses lugares que ocupam, sejam a escola, da prática de esporte, eventos culturais, comunidade, redes sociais e etc.; e a percepção que tem de si mesmo e do outro da relação interpessoal. A segunda, na mesma oficina objetiva identificar quais as motivações, aspirações e desejos que o aluno tem ou o que esperava da escola ou perspectivas em relação ao futuro. Isto porque no inconsciente coletivo está a crença de que a escola, por exemplo, mediante oferta de uma formação, pode ser signo melhores condições de vida futura.

A partir de uma questão formulada objetiva-se, então, mediar o estudante a refletir sobre as suas próprias condições de existência, socializá-la e examiná-la ou debatê-la estimulado pelo testemunho e narrativas dos colegas e dos coordenadores (professor responsável pelo projeto e ou dos bolsistas) do projeto. Este momento, é acompanhado do registro individual ou coletivo dessas narrativas e reflexões

que servirão para mapear os conceitos filosóficos existências que daí se desdobram e se articulam. Estes registros serão recolhidos e organizados conforme a série para a composição e elaboração do produto final da atividade de extensão na escola.

A questão proposta que define esse primeiro momento está relacionada à questão da liberdade, seu conceito articulado às experiências vividas e condição da existência humana. E a pergunta, em si, põe o pensamento em marcha, conforme já nos ensinou Descartes (1993), em sua obra *O Discurso do Método*.

Segundo momento: O que você mudaria em ... ou na sua vida?

Esta questão implica na mudança de postura, mediante reflexão, decisão e ação, simplesmente necessária a todo cidadão para agir de modo eficaz no cenário social. Isto pode ocorrer na elaboração de projetos que não se limitam somente ao âmbito escolar, mas na própria comunidade.

Partindo de uma problematização estruturada umbilicalmente ao primeiro momento, segue-se com o plano de reflexão, auto-reflexão, socialização, debate e registro das narrativas que auxiliarão na avaliação do projeto.

A pergunta desta etapa está vinculada à noção de autonomia cuja pré-condição é a da liberdade.

Cabe ressaltar que estes momentos não devem, necessariamente, passar pelo espaço da sala de aula, mas pode-se utilizar de outras dependências da escola a fim de evitar a identificação com a situação de aula.

Resultados esperados, incluindo os indicadores para avaliá-los.

Espera-se como resultados dessa atividade de extensão oferecer, em primeiro lugar, espaço para o diálogo com os estudantes em um momento tão crucial para a vida acadêmica que é o Ensino Médio, uma vez que se preparam para ingressar na universidade, para o mundo do trabalho e para a vida adulta. A angústia que deve estar evidenciada nos relatos durante as oficinas e um indicador da frustração dos desejos e das vontades individuais perante as contingências da liberdade, seja externa, na figura do estado ou sociedade ou mesmo internamente, o termômetro moral de cada sujeito. Este elemento de cunho existencial pode contribuir para avaliar a motivação dos estudantes nessa fase. Dado a consciência de que toda reflexão ou pensamento se origina numa problematização, os resultados esperados é identificar as ideias, emoções que o estudante tem em relação à escola, nomeá-los, problematizá-los. E os indicadores para avaliar os resultados estarão nas falas ou narrativas dos alunos, nos registros fotográficos, audiovisuais e na sua própria produção artística ou textual.

Outro indicador é, no que tange à liberdade, saber qual é a motivação para agir, isto é, se o que fazem do plano de vista moral e ético é por dever ou por conformidade ao dever, ou seja, se é atitude livre e desinteressada ou interessada – medo da punição e expectativa de recompensa. Da mesma forma esses indicadores de avaliação dos resultados, nesta etapa, consistem na expressão dos projetos de vida e da responsabilidade sobre sua própria vida no presente e no futuro, mediante as diversas formas de registro que já elencamos.

Os indicadores consistem também nas ações desenvolvidas pelos próprios alunos, possivelmente, no âmbito da escola e na comunidade. Em especial, conta-se também com o testemunho dos professores e funcionários a respeito do impacto da atividade de extensão na comunidade escolar nestes primeiros meses de atividades, os professores de filosofia, história, sociologia e de inglês já repensam suas aulas contando com o complemento da proposta de extensão, em avaliações, metodologia e conteúdo.

Conclusão

O presente trabalho caracteriza, descreve e relata de modo sucinto, a experiência e intencionalidade de implementação de um projeto de extensão na rede pública que está, ainda em sua fase inicial. É uma proposta em processo de embrionário. É um ponto de partida. Une universidade e a comunidade da rede pública de ensino com objetivos comuns, nas seguintes práticas: de contribuir para com o processo de formação e potencializar e fomentar as virtudes dos estudantes do Ensino Médio no que se refere aos espaços que ocupam e seu lugar de fala, com destaque para a escola.

Os resultados esperados dependem da experiência proporcionada pelas atividades de extensão que envolvem extensionistas voluntários e bolsista. O que permite-lhes pôr em prática e articular os conceitos e conteúdo das disciplinas com o cotidiano e ambiente da sala de aula da rede pública, suas vicissitudes e conquistas. Mas consideramos isto, apenas um aspecto do problema e, em certa medida, afirmar que trata-se, unicamente, de uma oportunidade para o estudante do curso de licenciatura em filosofia de colocar em prática o que aprendeu na faculdade é bem clichê. Em outras palavras, essa vivência, não expõe apenas a importância de aliar ou articular teoria e prática, mas a de evidenciar os limites da própria formação acadêmica perante o real da comunidade escolar, nas periferias. Trata-se, neste projeto, de olhar-se a si mesmo pelos olhos de outrem. Este é o ponto: repensar a forma e o conteúdo, a formação crítica, as metodologias, o espaço de estudo e aprendizado eficaz e eficiente, na universidade. Então, uma atividade de extensão não reduzir a escola a uma espécie de escola de aplicação, tão pouco tem uma função paternalista ou assistencialista

Ensinou-nos Kant na obra “O conflito das faculdades” (1993) e em “*Sur l’expression courante: c’est bon en théorie mais pas en pratique*” (1990 apud ARMANI; LISBOA, 2012, p.12-

13) “o limite do conhecimento não ultrapassa a experiência, a superação da cisão teoria e prática é dada pela faculdade de julgamento ou bom senso”. É mediante a capacidade de julgar que se dá a passagem do teórico para o prático ou do abstrato para o concreto. Neste caso, a concretude da vida dos estudantes do Ensino Médio, na rede pública.

Mas o bom senso examinado por Kant pode ser ensinado?

Se a universidade tem compromisso social, isto se deve à sua condição de produção de novos conhecimentos demandados das mudanças da realidade, por consequência, à formação de um sujeito capaz de atuar de modo eficiente e eficaz na realidade, promovendo, nessa realidade, o desenvolvimento social. O homem que se deseja formar, seja no Ensino Médio ou em processo de formação na universidade, não é somente produto objetivo da cultura, mas é também quem a produz historicamente e a sua identidade nessa relação de conhecimento.

Nestes termos, a articulação entre teoria e prática no contexto da indissolubilidade ensino, pesquisa e extensão é a *conditio sine qua non* para a formação de professores no Brasil.

Referências

Armani, W; Lisboa, M.J.A.(2012) *Leitura complementar de direito*. São Paulo: Ideias e Letras.

Baeninger, R. (1996) *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*, Coleção Campiniana. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, Unicamp.

Bloom, B. (1974) *Taxonomia dos objetivos educacionais*. Rio de Janeiro: Editora Globo

Brasil. (2012) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 30 abr.

Brasil. *Lei nº 9.394*, de 20 dez. 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. *Diário oficial*, 23 dez.: Brasília. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

Brasil. *Lei nº 10.172*, de 09 jan. 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial*, Brasília, 10 jan. 2001. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

Câmara dos deputados. *PL 8.035/2010*: Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

Conae. (2010) *Documento final*. : Brasília: MEC

- Congregação para a educação católica (2014) *Instrumentum Laboris*, Brasília: Edições CNBB.
- Cury, C.R.J. (2008) *Sistema nacional de educação: desafio para uma educação igualitária e federativa*. Brasília.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a12.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.
- Descartes, R. (1993) *O discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural.
- Dubet, F.. (2003) *A escola e a exclusão. Cadernos de pesquisa*, N 119. São Paulo Fundação Carlos Chagas.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gomes, Magno Federici. (2011) Delimitação de atribuições educacionais: sistemas de ensino e competência constitucional.
Em: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, 92(230), (pp.166-186). Disponível em:
<<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1492/1387>>. Acesso em: 16 abr. 2012.
- Ibge: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama> Acesso em 09/02/2018
- Kant, I. (1994) *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. [Tradução e notas de Antônio Pinto de Carvalho].
Companhia Editorial Nacional.
- _____, (1993) *A faculdade de julgar*. Ed. 70: Lisboa
- _____, (1990) *Sur l'expression courante: c'est bom em théorie mais pas em pratique*. Paris: Haltier.
- Mandelli, M. (2012) ***Substitutivo do Plano Nacional de Educação (PNE) é Protocolado. Todos pela Educação***. 24 abr.
Brasília. Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/22454/substitutivo-do-pne-e-protocolado/>>. Acesso em: 30 abr. 2012.
- Mendes, M.S. (2013) Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no Ensino Médio. Em: *Estudos de Psicologia*.
30(2), (pp.261-265)Campinas.
- Ministério da educação. *Indicadores revelam melhora de qualidade de instituições*. Disponível em
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17249> Acesso em: 30 abr. 2012.
Brasília.
- Okada, A. (2009) Ideb do Ensino Médio estaciona; nota dos anos iniciais continua avançando. Em: *Uol Educação*. 01 jul.
2010. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/07/01/em-2009-ideb-do-ensino-medio-estaciona-nota-dos-anos-iniciais-continua-avancando.htm>> Acesso em: 30 abr. 2012
- Prefeitura de Campinas, Secretaria de habitação, *Tabela 01, Macrozona 09*, s/d. Disponível em:
http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/planos-locais-de-gestao/doc/mcz9_tabela1.pdf. Acesso em: 01
de março de 2018. -
- Sartre, J. P. (1987) *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural.